



Tendências da Pesquisa
Brasileira em
Ciência da Informação

A GESTÃO DE LADISLAU NETTO NO MUSEU NACIONAL: uma janela para o contemporâneo¹

*LADISLAU NETTO MANAGEMENT AT THE NATIONAL MUSEUM: a window
to the contemporary*

Almiraci Dantas dos Santos²
Maria de Lourdes Lima³

Resumo: O presente artigo investiga a gestão de Ladislau Netto no Museu Nacional, período correspondente a 1870 e 1893. Suas contribuições são evidenciadas pelos atos confirmados através dos Regulamentos de 1876, 1888 e 1890; da instalação de cursos e concursos públicos; da criação da revista *Arquivos do Museu Nacional*; da regularidade das expedições científicas como forma de garantir os estudos e a formação de coleções do Acervo Museológico do Museu Nacional, configurando-se com características brasileiras por meio da *Exposição Antropológica Brasileira* de 1882, a qual possibilitou a consagração da instituição no Brasil e na Europa, além de se anteciper ao pioneirismo dos estudos de Antropologia no Brasil.

Palavras-Chave: Ladislau Netto; Museu Nacional Gestão.

Abstract: This article investigates Ladislau Netto's management at the National Museum, period corresponding to 1870 and 1893. His contributions are evidenced by the acts confirmed through the Regulations of 1876, 1888 and 1890; the installation of courses and public tenders; the creation of the *Arquivos do Museu Nacional* magazine; the regularity of scientific expeditions as a way of guaranteeing the studies and formation of collections of the Museological Collection of the National Museum, configuring itself with Brazilian characteristics through the Brazilian

¹ Artigo submetido, aprovado, apresentado e premiado no Enancib 2022.

²Mestra em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação Universidade Federal de Alagoas. E-mail: dantasmirabibliotecaria@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6057-7045>.

³ Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Campus de Marília/SP. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação/Universidade Federal de Alagoas. E-mail: loulima09@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1400-6246>.

AS CONTRIBUIÇÕES DA GESTÃO DE LADISLAU NETTO NO MUSEU NACIONAL: uma janela para o contemporâneo

Almiraci Dantas dos Santos, Maria de Lourdes Lima

Anthropological Exhibition of 1882, which allowed the institution's consecration in Brazil and Europe , in addition to anticipating the pioneering spirit of Anthropology studies in Brazil.

Keywords: Ladislau Netto; National Museum; Management.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo refere-se a uma seção da dissertação⁴ sobre Ladislau Netto no Museu Nacional, a qual investiga a prática da gestão pelo botânico e cientista Ladislau de Souza Mello e Netto (1838-1894), quando diretor do Museu Nacional, durante os anos de 1870 a 1893, por meio das suas contribuições em favor das pesquisas científicas e da organização institucional; por meio das resoluções contidas nos regulamentos de 1876, 1888 e 1892; da criação de uma revista científica, 'Arquivos'; da prática de concursos e de cursos públicos de ensino na esfera do Museu Nacional; bem como da organização de várias expedições científicas no Brasil, para a formação de acervos genuinamente brasileiros, os quais subsidiaram as exposições, a saber: a 'Exposição Antropológica Brasileira', de 1882, com desdobramentos na participação do Brasil na 'Exposição Universal e Internacional de Paris', em 1889.

Logo, este estudo trata o Museu Nacional como uma instituição gestora da informação e do conhecimento, além de promover processos construtores e inovadores determinantes para transformar aquela unidade de informação em uma instituição que funda a prática acadêmica em seu espaço institucional. No século seguinte, a Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1968, retoma o ato fundador, quando da criação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Preocupação reiterada pelo inquieto botânico e gestor Ladislau Netto. Seu olhar adensa a Botânica com a interlocução do conhecimento humano, a saber: Antropologia, Etnologia e Arqueologia, respectivamente entre os anos de 1876 e 1888, estas passam a constituir as seções do conhecimento histórico-social e cultural concomitante à botânica, à biologia e à zoologia. Tudo isso, acoplado à publicação da revista 'Arquivos', disponível no site do Museu Nacional, até o ano de 2010, configurando-se numa linha de continuidade e de subsídios inerentes ao tanto para o desenvolvimento científico-tecnológico, quanto para o avanço social, político e cultural do país.

⁴ SANTOS, Almiraci Dantas dos. **Ladislau Netto no Museu Nacional**: memória institucional (1870-1893). 2021. Dissertação. Orientação: Maria de Lourdes Lima. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, Alagoas, 2021.

2 A GESTÃO DE LADISLAU NETTO NO MUSEU NACIONAL

Aos 28 anos de idade, Ladislau de Souza Mello e Netto, por convite do imperador Dom Pedro II, assume a direção da Seção de Botânica do Museu Nacional em 1866. À época, a direção geral do Museu Nacional estava sob a administração do Conselheiro Francisco Freire Alemão, na leitura de Duarte (1950), havia uma relação entre Ladislau Netto e Freire Alemão de mútua camaradagem e acordo entre ambos, o que possibilitou a Ladislau Netto o posto no Museu, de auxiliar na direção geral, a partir de 3 de dezembro de 1870.

Conclui-se que o Conselheiro Freire Alemão permaneceu como diretor em razão do cargo vitalício, atribuição do regime monárquico e imperial. Naquele momento, o então diretor se encontrava com a idade avançada e a saúde comprometida. Enquanto isso, o jovem auxiliar alagoano, nascido em Maceió, fazia do Museu um centro dinâmico e interativo entre diversas especialidades. De modo que “[...] todas as seções recebiam o influxo de suas ideias e de seu mando” (DUARTE, 1950, p. 115).

Portanto, Ladislau Netto plasmou no Museu Nacional o que foi objeto da sua formação e de suas experiências acumuladas no Brasil e na Europa. Entretanto, seu temperamento austero lhe rendeu antipatias e desafetos. O que não impediu o jovem cientista e gestor de se dedicar sem limites ao Museu mantendo a primazia intelectual e administrativa com a paixão e o zelo de um jovem engajado com o que acreditava e defendia, no âmbito do espaço museal. Em 11 de novembro de 1874, o Conselheiro Freire Alemão faleceu. Ladislau Netto passa a assumir a direção geral do Museu Nacional de modo efetivo: a experiência vivida durante a sua interinidade na direção lhe proporcionou segurança ao assumir, por direito, a gestão administrativa (DUARTE, 1950).

Segundo Duarte (1950), a sua efetivação como diretor geral resultou numa tarefa árdua, pois pretendia tornar o Museu um centro de excelência compatível com a evolução da ciência, naquele momento, e com a gestão da produção científica no país. Inicia os seus atos administrativos publicando, no Jornal do Comércio, uma carta em que solicitava aos amigos e ao público em geral doações de peças que pudessem compor e dar sentido ao Museu Nacional (MN). Tem início o colecionismo institucional nos moldes

de uma política nacional de Museu, sua campanha em prol de um colecionismo brasileiro encontrou eco entre aqueles que acolheram o seu apelo.

Para além das pesquisas de estudo e formação de acervos exclusivos dos povos pré-cabralinos, outra grande iniciativa foi a de promover uma reforma, em três momentos distintos, com base na institucionalização, na regulamentação e na administração do museu. Em síntese, Ladislau Netto, de acordo com Lopes (1997), estabeleceu durante o período em que esteve como diretor efetivo do Museu Nacional três Regulamentos com a finalidade de organizar o funcionamento, as ações e as pesquisas na Instituição. O primeiro Regulamento foi instituído em 1876, o segundo em 1888 e, o terceiro em 1890.

No Regulamento de 1876, instituído pelo Decreto nº 6.116, de 9 de fevereiro, o Museu tinha por finalidade estudar a “História Natural, particularmente do Brasil [...] ensino das ciências físicas e naturais, sobretudo em suas aplicações à agricultura, indústria e artes” (LOPES, 1997, p. 159). Neste Regulamento é instituído não somente a criação da revista Arquivos do Museu Nacional, como foram instalados cursos públicos gratuitos e a seleção de técnicos através de concursos públicos.

No Regulamento de 1888, doze anos após o primeiro Regulamento, aprovado por meio do Decreto nº 9.942, de 25 de abril, essa finalidade é mantida. Porém, dá lugar a 4ª seção para os estudos de Antropologia, Arqueologia e Etnografia, assim como transformar os cursos regulares em conferências públicas. Por último, o Regulamento de 1890, dois anos após o segundo Regulamento, aprovado por meio do Decreto n.º 379-A, de 08 de maio, cuja finalidade se definirá em “[...] estudar a história natural do globo e em particular do Brasil”, assim como reunir e classificar suas produções naturais através dos “[...] métodos mais aceitos nos grêmios científicos acompanhadas de indicações quanto possíveis explicativas ao alcance dos entendidos e do público” (LOPES, 1997, p. 159).

Entre as alterações estabelecidas é possível notar as mudanças nos nomes das seções, quer pela área científica, quer pela introdução de novas disciplinas. A exemplo do Regulamento de 1876, as seções se organizavam com base na distribuição, a seguir: 1ª seção: Antropologia, Zoologia Geral e Aplicada, Anatomia Comparada e Paleontologia Animal; 2ª seção: Botânica Geral e Aplicada, Paleontologia Vegetal; 3ª seção: Ciências

Físicas: Mineralogia, Geologia e Paleontologia Geral. Enquanto no Regulamento de 1888, as seções foram reorganizadas com essa base: 1ª seção: Zoologia, Anatomia e Embriologia; 2ª seção: Botânica; 3ª seção: Mineralogia, Geologia e Paleontologia; 4ª seção: Antropologia, Etnologia e Arqueologia. Porém, o Regulamento de 1890 trouxe pouca inovação, permanecendo a mesma organização na parte estrutural. Somente algumas determinações acerca dos horários de trabalhos dos funcionários reforça suas configurações de Museu Nacional, Metropolitano e Universal.

Conforme Lopes (1997), Ladislau Netto, através dos seus relatórios (1890), justificava aos seus superiores (Ministro da Agricultura) a necessidade de um horto botânico para que o MN pudesse se equiparar tanto as demais instituições da Europa e EUA, quanto se ajustar às inovações exigidas pela ciência. Sua sugestão era que a Praça da República (Campo de Santana/RJ), localizada na frente do Museu, fosse anexada à instituição e ali se constituísse o horto do qual a seção necessitava.

A formação das coleções da seção não difere das demais, a partir de doações e intercâmbios entre instituições norte-americanas e das diversas províncias do Brasil. Uma das doações foi o meteorito de Bendegó⁵, encontrado na província da Bahia em 1784, o mineral ainda hoje compõe a coleção do MN.

A implantação da 4ª seção no Regulamento de 1888, na qual assumia os estudos sobre Antropologia, Etnologia e Arqueologia, ficou sob a responsabilidade de Ladislau Netto. Conforme Lopes (1997, p. 174, grifos nossos), a concepção de Mello e Netto (1997, p. 174) “[...] sobre essas áreas de saber era a do seu tempo e apontava para uma questão na qual, nos próximos anos, se envolveriam profundamente nossos diretores de museus – *o extermínio de indígenas*”. Seu interesse, desde o início de sua gestão, era de transformar essa seção em um Museu Arqueológico e Etnográfico.

Ao tempo que Mello e Netto se dedicava à seção de Botânica e Antropologia, também estava na direção geral do MN. De acordo com Lopes (1997, p. 170), Ladislau Netto confessa ser uma situação “muito difícil”. Porém, é justamente nessa árdua conciliação de tarefas que Ladislau Netto apaixonou-se pela Arqueologia brasileira. Por esta causa, ainda de acordo com Lopes (1997, p. 170), “[...] suas pesquisas botânicas aos

⁵ O meteorito de Bendegó resistiu ao incêndio sofrido pelo Museu Nacional em setembro de 2018.

poucos cederam lugar às antropológicas e etnográficas. [...] Se empenhava em recolher aos museus a cultura material das populações que estavam sendo dizimadas”. E isto não somente por paixão, mas também pela consciência de que, enquanto diretor do MN, tinha por missão estudar os índios brasileiros desde suas origens até o presente, levando em consideração a riqueza identitária dada ao Brasil por seus costumes e crenças, por vezes identificados através dos estudos no Museu como uma representação material da cultura indígena, de raízes brasileiras. Em síntese, os estudos sobre Ladislau Netto sinalizam a sua atuação como um provável precursor de uma valoração da cultura indígena brasileira situando o seu pioneirismo no plano acadêmico institucional do indigenismo, nos marcos das políticas públicas do Brasil, que fará parte no século seguinte da implantação da Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

A partir daqui, vamos descrever as três ações que consolidam a gestão de Ladislau Netto no Museu Nacional, as quais evidenciam a produção do conhecimento científico e sociocultural implícita na criação da revista *Arquivos* e, conseqüentemente, no estabelecimento dos fluxos e usos da Informação, cuja repercussão se estende aos intercâmbios da revista com as demais instituições culturais e científicas do Brasil, Europa e das Américas, assim como a implantação dos cursos e concursos públicos e a mediação da informação através da Exposição Antropológica Brasileira de 1882 e a Exposição Internacional de Paris de 1889.

2.1 Os Cursos e os concursos públicos

Os cursos foram implantados pelo Regulamento de 1876, os quais cabiam ao conselho diretor do museu organizar e ministrar os mesmos. Cada diretor de seção ministrava no mínimo uma aula por semana de acordo com sua área de trabalho e profissão. Esses cursos eram livres e abertos para toda a sociedade. Eram ofertados cursos de Ciências Naturais, Botânica e Zoologia, Geologia, Antropologia e Mineralogia.

Assim como os concursos públicos que também foram instituídos pelo Regulamento de 1876, que tinha por finalidade a profissionalização dos que almejassem fazer parte do quadro de funcionários do Museu Nacional, possibilitando a contratação de naturalistas estrangeiros para ocupar os cargos criados pelo Museu, conferindo à

Instituição um grau de desenvolvimento científico, tecnológico histórico e cultural, que marcou a gestão de Ladislau Netto. O que levou Lacerda (1905, p.37) a denominar de a “idade de ouro”.

2.2 A revista *Arquivos do Museu Nacional*

A revista *Arquivos* também nasceu impulsionada pelo Regulamento de 1876, instituído no Museu Nacional. Ela é considerada a primeira revista especializada em Ciências Naturais no Brasil, conforme previsto no cap. IV, art. 19, do mesmo documento. Sua finalidade se baseava em dar “[...] conta de todas as investigações e trabalhos realizados no estabelecimento, das notícias nacionais ou estrangeiras que interessarem às ciências de que se ocupa o Museu [...]” (MUSEU NACIONAL, 1876, p. 11).

Duarte (1950, p. 131) considera que “[...] foi através da revista que o Museu se projetou no mundo científico, universalizou-se [...]”. Não era uma revista popular de divulgação, mas puramente científica e técnica e de acordo com Agostinho (2014), a revista foi uma importante ferramenta, não somente consagrou o Museu Nacional enquanto espaço de produção e estudos científicos especializados, ascendendo à ciência no Brasil, mas cuidou de reverberar os autores contemplados com artigos na revista, alcançando os países europeus e adjacentes, na medida em que servia de veículo de difusão e repositório dos trabalhos dessa instituição.

A revista foi criada para ser publicada trimestralmente, mesmo não seguindo essa periodicidade. De acordo com Vergara (2003, p. 58), foi “[...] durante muito tempo o único veículo de difusão no estrangeiro das ciências no Brasil [...]”, e sua distribuição era feita de forma gratuita entre muitas instituições do saber; e, em diversos países, utilizando-se ainda da permuta, o que facilitou o crescimento e a diversificação do conhecimento de forma exponencial do acervo da biblioteca do Museu Nacional.

Conforme Agostinho (2014), a revista *Arquivos do Museu Nacional* recebe esse nome como afirmativa da identidade de seus produtores, fazendo referência ao Museu Nacional como instituição brasileira, situando o leitor sobre a importância da memória e da nação. Pois, tal publicação era escrita em língua nacional, com a função de guarda

e de preservação da memória documental construída, por sua vez, no ato de fazer ciência nos primórdios da era imperial no Brasil.

Conforme o Regulamento de 1876, é descrito no cap. IV, art. 19 que o Museu Nacional publicaria a revista *Arquivos* trimestralmente, porém, não é a periodicidade que se aplica. Desde a gestão de Ladislau Netto, sua regularidade não é uniforme, pois as quatro primeiras publicações ocorrem em anos sucessivos. A partir do volume 5 até o volume 8, o espaçamento de tempo é irregular entre 2, 3 e 4 anos de uma publicação para outra. Diante do exposto, Agostinho (2014) observa que a dificuldade para impressão da revista era ocasionada por falta de verba que, por muitas vezes, foi solicitada por Ladislau Netto por meio de ofício ao ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas.

Nas publicações subsequentes aos anos da gestão de Ladislau Netto, observa-se que a periodicidade entre os volumes apresenta um espaçamento também irregular, ou seja, os anos de 1895 a 2001 revelam uma periodicidade irregular, conforme 1, 2, 3, 4 e 5 anos entre as publicações, com exceção dos volumes 56 e 57, ambos referentes aos anos de 1891 e 1997, calculando um espaçamento de tempo de 16 anos sem a publicação da revista. Já de 2002 a 2007, as publicações seguiram a proposta inicial do Regulamento, sendo impressas em periodicidade trimestral: durante os anos de 2008, foram quadrimestrais, ou seja, 3 publicações ao ano; de 2009 a 2010 seguiram, semestralmente, duas vezes ao ano.

Vale ressaltar que, durante a gestão de Ladislau Netto, como já foi descrito acima, foram publicados apenas oito volumes, porém, o grande alcance, como diz Agostinho (2014, p. 63), “o brilhante jubileu científico” foi o volume 6 da revista *Arquivos*, a qual foi publicada especialmente sobre a Exposição Antropológica Brasileira. Esse volume contou com 112 artigos, os quais faziam relação com a Antropologia, Arqueologia e Etnologia, sua linguagem era mais acessível ao público, em geral, um dos pontos que a diferenciava das anteriores.

Lopes (1997, p. 182) observa que: “Em 1878, Ladislau Netto organizaria também um serviço gráfico anexo ao museu para facilitar e baratear os custos de alguns trabalhos de impressão da revista”. O gestor até confessa que a revista *Arquivos* do MN foi a atividade que, durante sua gestão, mais exigiu seus cuidados. Como resultado do

cumprimento do seu papel de veículo de difusão das pesquisas científicas, realizadas pelo MN em 1886, a distribuição da revista Arquivos compreendia um total de oitocentos exemplares enviados para bibliotecas e museus no exterior, ao mesmo tempo que, como permuta, eram recebidas as publicações de, aproximadamente, 52 cidades de todo o mundo.

Portanto, a revista estabeleceu uma rede social de trocas de conhecimentos entre os pesquisadores, ou homens de saber como se falava muito na época, configurando-se como uma ferramenta de difusão científica no processo, tanto por validar e dar visibilidade às produções e aos seus produtores oriundos do Museu Nacional, como ainda por servir de respaldo legal de guarda do conhecimento produzido na instituição, a qual era financiada pelo erário público correspondente ao II Império e à emergente República. Sendo assim, Agostinho (2014, p. 102) afirma que “[...] a difusão mundial dos Arquivos foi importante para a projeção internacional do Museu Nacional e de seus agentes. Através dela, aquela instituição imperial pode ser conhecida e reconhecida pela comunidade científica [...]” mundial.

2.3 Expedições e Exposições no Museu Nacional

As expedições científicas se apresentaram como objeto de estudo, sendo realizadas durante a gestão de Ladislau Netto, na condição de diretor do Museu Nacional. Logo, a primeira excursão aconteceu no ano de 1877, objetivando um estudo científico sobre o Nordeste do Brasil, mais precisamente, a natureza e o homem do Baixo São Francisco, assim como a existência, *in loco*, de cemitérios indígenas às margens do rio. Porém, nesse ano acontecia de Alagoas ao Ceará e verem assolados por uma seca que se tornou histórica e, se propagou feito um flagelo. A seca de setenta do século dezenove trouxe perdas e aflição a muitos alagoanos. Piranhas e Penedo, neste sentido, foram as cidades ribeirinhas mais populosas à época, cuja seca assolava as terras adjacentes com doenças, sede e fome (DUARTE, 1950).

Na província de Alagoas, visitou a velha cidade de Alagoas - hoje, Marechal Deodoro -, já em Penedo hospedou-se em um sobrado da cidade colonial, apesar de não ter conseguido esquadrihar Alagoas em seus estudos como desejava, foi possível

conhecer a cerâmica de Porto Real do Colégio, e estabelecer um paralelo com as igaçabas produzidas pelos índios em outras regiões do Brasil (DUARTE, 1950).

Na visão de Duarte (1950), Ladislau Netto como cientista fez uma descrição geológica da zona ribeirinha do rio São Francisco, assim como registrou dados sobre o clima de Penedo comparando-o ao de Maceió. Porém, conforme explicitado no parágrafo anterior, lamentou não encontrar cemitérios indígenas nas cidades às margens do rio, deparando-se somente com os potes de Porto Real do Colégio. Não conseguindo realizar seu objetivo, embarcou de Penedo no vapor Jequiá, em 10 de janeiro de 1878, para a cidade de Maceió, ficando hospedado na casa de parentes à rua do Rosário (prédio localizado na Ladeira do Brito - Centro).

Em seguida retornou ao Rio de Janeiro, no vapor Espírito Santo, em 18 de janeiro de 1878. Em síntese, o objetivo era reunir artefatos arqueológicos e antropológicos referente ao evento da Exposição Antropológica Brasileira, a isso foi somado outra expedição científica, em janeiro de 1882, desta vez para a região Norte, passando primeiro pelo estado do Amazonas, onde realizou-se exumação no Pacoval⁶ - Ilha de Marajó. De acordo com Duarte (1950, p. 165), “[...] esse sítio arqueológico foi descoberto por Ferreira Penna, naturalista viajante do Museu, contratado na gestão de Ladislau Netto”.

Em suas pesquisas, em conjunto à equipe de pesquisadores do Museu, foi possível recolher esqueletos e crânios de indígenas Tremembés e outras tribos, material de natureza antropológica. Depois prosseguiu viagem para a região Sul, ocupando-se em pesquisar sambaquis⁷. O estudo realizado durante essas excursões, assim como o material coletado serviram para compor os acervos tanto da Exposição Antropológica Brasileira, de 1882, quanto da Exposição Universal de Paris, de 1889.

Conforme foi observado nos parágrafos anteriores, as expedições científicas realizadas, em sua maioria, tiveram como objetivo a composição de Exposições, as quais serão tratadas a seguir. Todavia, discorrer sobre esses eventos em um museu, requer obviamente uma introdução conceitual no que se refere à exposição. Portanto, esta

⁶ Pacoval – extensa lombada de terra cortando o lago Arary, encontrado na região do Amazonas, possuindo o aspecto de um jabuti.

⁷ Ver: Estudos sobre os sambaquis do Sul do Brasil, de autoria de Carlos Wiener – publicado na revista *Arquivos do Museu Nacional*, vol. 1, 1876.

pesquisa utiliza-se de Meneses (1994, p. 24), para a compreensão do que vem a ser exposição. O referido autor se refere à exposição a partir de um olhar voltado para diferentes ângulos, pois “[...] o objeto aparece fundamentalmente como suporte de significações que a própria exposição propõe [...]”.

Ainda segundo Meneses (1994, p. 25), o caráter da exposição implica na convenção visual, que é organizada com a finalidade de produzir sentidos. Neste caso, uma exposição, especificamente, num museu com características histórico-científicas e antropológicas, como é o caso do Museu em estudo, “nunca” será uma “exibição neutra ou literal de artefatos”, pois “[...] a exposição museológica pressupõe, forçosamente, uma concepção de sociedade, de cultura, de dinâmica cultural, de tempo, de espaço [e] de agentes sociais” (MENESES, 1994, p. 25).

De modo que a leitura do historiador, arqueólogo e museólogo paulista, ex-diretor do Museu do Ipiranga, infere sobre a relação entre o pensamento de um contemporâneo nosso e a percepção de Ladislau Netto, no último quartel do século XIX, quanto às formas de organização do espaço museal.

Logo, as considerações de Meneses (1994) apenas corroboram com os princípios presentes na organização das coleções e dos instrumentos de visibilidade da exposição. Esta, por sua vez, engendra as ações responsáveis pela produção e difusão do conhecimento no que tange à história natural e à antropologia social. A análise do museu oitocentista, cujo foco recai sobre o Museu Nacional, lança luzes sobre suas exposições que, por sua vez, serviram como vetores para a consolidação dos estudos científicos no Brasil.

No âmbito deste estudo e nesse sentido, esta seção fará um apanhado histórico acerca das duas exposições mais relevantes do Museu Nacional. A primeira, por ordem cronológica, será a Exposição Antropológica Brasileira; a segunda, a Exposição Universal Internacional de Paris, ambas ocorridas durante a gestão de Ladislau Netto como diretor do Museu Nacional. Sendo assim, a primeira Exposição Antropológica Brasileira acontece dentro do Museu Nacional, em 29 de julho de 1882, como proposta de aproximar a sociedade da instituição (DUARTE, 1950).

Para Duarte (1950), Ladislau Netto objetivou reunir todo o material Antropológico, Etnográfico e Arqueológico possível para essa exposição, conseguindo

alcançar seus propósitos através das excursões ao extremo norte do país, desde a Ilha de Marajó, no Amazonas, prosseguindo até Belém do Pará. Após os estudos na região norte, seguiu, em excursão para o sul, com o intuito de estudar os costumes de três tribos selvagens e exumar os ossos desses povos primitivos em seus cemitérios.

No relato, Duarte (1950) explicita que tal exposição reuniu e apresentou ao público instrumentos de guerra, de caça, de pesca e de música; assim como louças exumadas, na Amazônia, e a cerâmica da Ilha de Marajó, fabricada pelos marajoaras; esqueletos e crânios de indígenas Tremembés e outras tribos, todos eles retirados de cemitérios indígenas no Pará; assim como adornos, plumária, tecelagem e indumentárias de tribos brasileiras. Já na região Nordeste, houve destaque para as rendas de bilro de Alagoas, à época, fabricadas pelas rendeiras do município de Pilar, Massagueira e Coqueiro Seco. Outros objetos foram provenientes do gabinete do Imperador Dom Pedro II.

Para a exposição de 1882, o Museu Nacional publicou um Guia (1882), no qual as peças que constituíram a exposição foram mencionadas de forma concisa, fornecendo detalhes dos artefatos, gravuras, estampas, quadros e fotografias. De acordo com o descrito no Guia (1882), o objetivo desse evento foi reunir todo um conjunto de documentos etnográficos, num só repositório público, no caso, o Museu Nacional. O guia foi um documento integrante da exposição, segundo o qual este evento foi organizado em oito salas, e cada sala com nomes de personalidades que se distinguiram pela sua presença, recente ou não, na história brasileira.

Segundo Lopes (1997), a exposição teve duração de três meses, obtendo uma grande repercussão internacional. Aquela foi considerada a primeira do gênero conseguindo atrair mais de mil visitantes, um quantitativo equivalente a uma grande visitação pública, para a época. As inferências por parte de Duarte, em seus estudos divulgados em 1950, são reiteradas por Lopes (1997) e confirmadas por Dantas (2012, p. 141) quando conclui “[...] a Exposição Antropológica Brasileira realizada no Museu Nacional em 1882 por Ladislau Netto consagrou a área e divulgou o acervo etnográfico brasileiro além das fronteiras do país”. Este evento representou, segundo Dantas (2012), o ponto de partida para o fortalecimento de Mello e Netto com a área de Antropologia. Segundo Lacerda (1905, p. 56.), “Ladislau Netto concebeu a ideia de organizar uma

exposição antropológica com elementos exclusivamente brasileiros [...]” cujo propósito foi o de “[...] fortalecer os esforços da Sociedade dos Americanistas⁸” (DANTAS, 2012) e dar maior visibilidade e renome ao Museu Nacional do Rio de Janeiro. Diante do exposto, pode-se dizer que os objetivos aliados à determinação do diretor do Museu foram coroados de êxito.

Já a participação do Brasil, através do Museu Nacional, na Exposição Universal e Internacional de Paris, em 1889, foi acordada através de ofício. A Exposição Universal foi idealizada como um evento comemorativo do centenário da Revolução Francesa, ali o Brasil aproveitou o ensejo para tornar público a abolição da escravidão no país, por meio do Decreto de nº 3.353, de 13 de maio de 1888.

Segundo Barbuy (1996), o Brasil foi dos poucos países monárquicos a comparecer à festa republicana, pois a Exposição Universal de 1889 objetivava comemorar o centenário da Revolução Francesa. “Não o fez oficialmente, isto é, não como representação de estado, mas por uma delegação de empresários e jornalistas, que formaram um Comitê Franco-Brasileiro” (BARBUY, 1996, p. 213), a participação do Brasil contou com apoio e o incentivo de D. Pedro II.

Vale ressaltar que a documentação sobre a Exposição Universal se valeu, mais uma vez, de documentos do MN que foram objetos do sinistro de 2018; e das leituras de Dantas (2012), através da tese referente à Casa Inca ou Pavilhão da Amazônia? A participação do Museu Nacional na Exposição Universal Internacional de Paris em 1889, além do periódico ‘O Auxiliador’, encontrado na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional.

De acordo com Dantas (2012, p. 100), a coleção que representou o Brasil foi composta por madeiras e minerais como expressão da riqueza da terra, exposto “[...] no pavilhão do Brasil (Exposição Universal de 1889) [...]”, além do material Antropológico organizado por Ladislau Netto, em exibição “[...] na Casa Inca (Exposição Retrospectiva da Habitação Humana como parte da Exposição de 1889, também na França)” (DANTAS, 2012, p. 100).

⁸ Segundo Keuller (2008, p. 39) a Sociedade de Etnografia Americana e Oriental foi fundada em 1859 pelo médico fisiologista francês Claude Bernard (1813-1878). Essa Sociedade foi responsável pela organização do primeiro Congresso Internacional de Americanistas em 1875. Seus objetivos atrelavam o domínio da Etnografia mais tradicional, de descrição dos povos, aos interesses práticos da colonização.

A Exposição Universal Internacional de Paris iniciou em 6 de maio de 1889 e terminou em 31 de outubro do mesmo ano. Ao término da Exposição, conforme o periódico brasileiro ‘O Auxiliador da Indústria Nacional’⁹ (1889), alguns expositores brasileiros receberam recompensas sob a forma de medalhas, prêmios e menção honrosa. Supõe-se que essas recompensas objetivaram o reconhecimento pelo trabalho realizado. Dentre os 80 medalhistas, na categoria de medalha de ouro, o Museu Nacional foi contemplado por meio dos sete volumes da revista *Arquivos* em exposição.

A representação do Brasil na Exposição Universal se deu através dos acervos da seção de Botânica, das coleções de madeira e de minerais, no Pavilhão do Brasil e na Casa Inca ou Pavilhão da Amazônia, em conjunto com os acervos da seção de Antropologia, Arqueologia e Etnografia, apresentando os artefatos dos índios brasileiros, em sua maioria da região Amazônica (DANTAS, 2012).

Durante a Exposição, o acervo da seção de Botânica foi representado por “[...] cacau, café, baunilha, açúcar e cana de açúcar, tabaco, amostras de mármore, madeira, produtos manufaturados de todo o tipo, alguns quadros bastante medianos e esculturas de escolares [...]”, na descrição de D’ervy (1889 *apud* DANTAS, 2012, p. 106). Todo esse acervo foi exposto com o propósito de mostrar “[...] os imensos recursos de um solo onde não se escasseia nenhum tesouro, nem tampouco os diamantes e o ouro [...]”, na perspectiva de Dervy (1889 *apud* DANTAS, 2012, p. 106).

Para a descrição do acervo da seção de Mineralogia, Dantas (2012) não identificou nos documentos da Seção de Memória e Arquivos do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (SEMEAR/MN-UFRJ) suas saídas para a Exposição Universal. Porém, encontra-se o registro do envio de uma réplica em madeira do meteorito de Bendegó, para compor o acervo em exposição. Após a conclusão da Exposição, essa réplica foi doada para o Museu Nacional da França. Para esta exposição, “[...] não existe descrição detalhada sobre os minerais da instituição, consta apenas minerais do Museu Nacional” (DANTAS, 2012, p. 114). Segundo o periódico O

⁹ Periódico pertence à Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional/SAIN, a qual foi fundada em 1827, e em 1904 sua nomenclatura foi substituída por Centro Industrial do Brasil. Edição: v. 57, n. 11, nov., 1889, p. 243-254

Auxiliador¹⁰ (v. 57, n. 11, nov., 1889, p. 246), o acervo de minérios recebeu a premiação de medalha de prata pela Exposição Universal de 1889.

Na visão de Dantas (2012), na Exposição Universal de 1889, o Museu Nacional fez-se representar na Exposição Retrospectiva da Habitação Humana, na Casa Inca, chamada de Pavilhão da Amazônia. Sob a coordenação de Ladislau Netto foram expostos artefatos indígenas brasileiros, num total de 190 itens. De acordo com Dantas (2012, p. 160), o caráter dessa Exposição não era somente expor objetos, mas “[...] apresentar a evolução do homem (seu habitat e artefatos) de forma panorâmica em um tempo linear rumo ao progresso”.

Ainda na sua gestão, Ladislau Netto implementou no Museu Nacional o Laboratório de Fisiologia Experimental em 1880, inicialmente dirigido por Louis Coutry; e, depois, por João Batista Lacerda. Mas, sua última e grande iniciativa foi ter conseguido a transferência do Museu através do decreto presidencial, nº 776-A de 08 de março de 1892, para o antigo palácio, residência oficial da família real, localizado na Quinta da Boa Vista, no bairro de São Cristóvão, concluindo oficialmente, a transferência em 25 de julho do mesmo ano (SILVA; KUBRUSLY, 2012). Ali, sua gestão finda depois de 27 anos de trabalho, após sua volta ao Brasil, depois de representar o MN na Exposição de Chicago. Em 08 de fevereiro de 1893, solicita a sua aposentadoria, concedida em 28 de dezembro de 1893.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos marcos desta investigação, o notável diretor representa uma sinalização para futuros gestores, com foco na Ciência e na História da Gestão Pública. O pressuposto é de que a sua trajetória científica na Europa e as suas vivências em terras brasileiras lhes serviram de balizas para serem aplicadas, com exclusividade, no Brasil, quando assumiu a direção do MN.

As contribuições de Ladislau Netto enquanto gestor público confirma-se pela exímia capacidade de investir na busca do conhecimento científico em todas as frentes. Como prova disso o presente artigo apresenta a implementação dos Regulamentos de

¹⁰ Edição: v. 57, n. 11, nov., 1889, p. 246.

1876, 1888 e 1890; a criação dos cursos e concursos públicos; a criação da revista Arquivos do Museu Nacional; bem como as expedições científicas como forma de garantir a formação de coleções imprescindíveis à constituição do Acervo Museológico do Museu Nacional, a fim de configurá-lo com características de brasilidade; ou seja, por meio de uma ação impulsionada pela Exposição Antropológica Brasileira de 1882, a qual possibilitou a consagração da instituição no Brasil e na Europa, além de abrir caminhos para os estudos da Antropologia no país.

Por último, conclui-se que o Museu Nacional, com os seus vestígios, marcas de uma memória histórica passada, apresenta-se, neste momento, com um duplo desafio: o de que o Estado brasileiro, a par das condições efetivas, em combinação com as instituições nacionais, devolva-o à Sociedade e ao público em geral, cerzindo, de modo ininterrupto, o que restou da dor, da ferida, da fratura, da cicatriz e do trauma; de forma que, no *continuum* do tempo histórico, concomitante e paulatinamente possa preencher os espaços vazios deixados pela implosão de uma tragédia, que, conforme a documentação, objeto desta investigação, se fez anunciar de modo indelével e categórico.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Michele de Barcelos. **O Museu em revista: a produção, a circulação e a recepção da revista Arquivos do Museu Nacional (1876-1887)**. 2014. 143f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/14907/Dissert-michele-de-barcelos-agostinho.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 29 ago. 2022.

BARBUY, Heloísa. O Brasil vai a Paris em 1889: um lugar na exposição universal. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 4, p. 211-261, jan./dez. 1996. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5342>. Acesso em: 29 ago. 2022.

DANTAS, Regina Maria Macedo Costa. **Casa Inca ou Pavilhão da Amazônia?: a participação do Museu Nacional na exposição universal internacional de 1889 em Paris**. 2012. 280f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://obidig.ufrj.br/10/teses/807980.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2022.

DUARTE, Abelardo. **Ladislau Netto (1838-1894)**. Maceió: Imprensa Oficial, 1950.

LACERDA, João Baptista de. **Fastos do Museu Nacional do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1905.

LOPES, Maria Margaret. **O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX**. São Paulo: EDUSP, 1997.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N. Ser. v. 2, p. 9-42, jan./dez. 1994. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5289>. Acesso em: 29 ago. 2022.

MUSEU NACIONAL (Brasil). **Guia da Exposição Antropológica Brasileira**. Rio de Janeiro: Tipografia de G. Leuringer, 1882.

SILVA, Paulo Vinicius Aprígio da; KUBRUSLY, Ricardo. Era uma casa muito engraçada: o palácio de São Cristóvão, o Museu Nacional e a república. *In*: CONGRESSO DE HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS DAS TÉCNICAS E EPISTEMOLOGIA, 5., 2012, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012. Disponível em: http://www.hcte.ufrj.br/downloads/sh/sh5/trabalhos%20orais%20completos/trabalho_052.pdf. Acesso em: 30 ago. 2022.

VERGARA, Moema de Rezende. **A revista brasileira: vulgarização científica e construção da identidade nacional na passagem da monarquia para a república**. 2003. Tese (Doutorado em História)- Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2003.